

## É O FIM DO CAMINHO

Paulo Timm – Especial A FOLHA, 27-30 Set -

Já não há muito o que dizer sobre pesquisas eleitorais para Presidente. A última pesquisa do Ibope encomendada pela CNI, e divulgada no dia 25 de setembro já disse tudo: Bolsonaro, 27% x Haddad, 21% disputam o primeiro turno, deixando para trás Ciro, Alckmin e Marina. Datafolha pouco difere.

Paradoxalmente, os dois primeiros colocados, em torno dos quais se condensase o chamado voto útil, são também os campeões de rejeição. No segundo turno ganhará o que tiver não a mais alta preferência, mas a relativamente menor rejeição.

Pode ainda haver alguma surpresa até 07 de outubro? Dificilmente, mas como dizem os pessimistas: -" Vai que...! Ou seja, ainda pode acontecer um imprevisto, seja como fatalidade que atinja um dos candidatos, seja como resultado de um passo em falso, sobretudo por parte de Bolsonaro. Isso porque sua liderança se restringe ao processo eleitoral, sem âncoras na estrutura partidária ou na sociedade civil, embora tenha articulações com os meios militares. Sua campanha opera sobre a imagem de um homem acima de qualquer suspeita de corrupção e negociações espúrias em troca de cargos e contratos. Imagine-se, então, que fatos concretos venham à tona arranhando esta imagem. Isso pode ter um efeito rápido e deletério sobre seu nome redefinindo em poucos dias todo o processo eleitoral. Haddad tem menor imagem mas é melhor ancorado na sociedade. Dificilmente virá a ser abalado no primeiro turno. Não obstante, vai sofrer forte ataque de corte ideológico no segundo turno. Bom que vá se preparando para o pior...

Encaminhado o procedimento eleitoral as atenções começam a se voltar para a governabilidade. Qual o governo que emergirá de Bolsonaro ou Haddad. A Revista liberal-conservadora inglesa ECONOMIST prevê sérias ameaças não só à economia, como às instituições brasileiras, caso o primeiro venha a ser o Presidente. Bolsonaro tem aversão ao Congresso Nacional e avisa que vai governar com rédea curta e linha dura. Ora pode gerar sucessivas crises políticas que desemboquem em caos institucional. Já Fernando Haddad tem mais disposição em reeditar o modelo de Presidencialismo de coalizão com o Congresso, prevendo-se melhor governabilidade, ainda que sob o alegado risco de maior heterodoxia no manejo da política econômica. O risco maior de sua gestão, entretanto, está no modelo de conciliação com os políticos resultando nas velhas rodadas, tanto do patrimonialismo, como do corporativismo. Curioso que, seja com um ou outro, já pouco se fale em LavaJato. Aquela que parecia ser a grande tormenta que varreria a velha política mostrou-se totalmente ineficaz como instrumento de reforma do sistema. Em todo o país, salvo um ou outro cacique, como Sergio Cabral e Cunha, presos, os mesmos Partidos, as mesmas famílias, os mesmos processos, fudados na Bíblia, na Bala, no Boi, no Barracão moderno, continuam disputando alegremente as eleições. Haverá pouca mudança no sistema político. Poucos políticos de convicções.

Mas se o sistema resiste à mudanças, as instituições civis do Estado, cantados em prosa do Presidente da República na Assembleia das Nações Unidas, dão mostras de tensões, esgarçamento e até rachaduras ocasionais.

O Itamaraty está chocado com a iniciativa da Governadora de Roraima em se encontrar, em solo estrangeiro, com o Presidente Maduro para tratar do repatriamento de venezuelanos. Isso é prerrogativa federal, a cargo do Ministério de Relações Exteriores, mas ela nem deu bola. Na semana, chegaram os primeiros ônibus para o negociado repatriamento.

Não bastasse, o Ministro Barroso deu uma entrevista ao Grupo Folha denunciando "essa gente que distribui senhas – no STF – para conceder habeas corpus". Isso é extremamente grave. A linguagem é indigna de um membro da mais alta Corte de Justiça. "Tem gente" não é expressão de gente responsável, muito menos um membro Do Supremo. . Soa a carta anônima, cujo melhor destino é sempre o lixo. Servidor Público ou cidadão consciente, quando confrontado com um ilícito tem a obrigação de denunciar o mal feito em foro competente e dar nome aos bois.

No Rio de Janeiro, a Intervenção Militar claudica sob o peso do aumento da violência e seu titular, o general Walter Souza Braga, que não conseguiu, depois de seis meses, desvendar quem matou Mariele, nada tem a declarar.

Convenhamos:

"É o pau, é a pedra, é o fim do caminho"

São as águas da primavera anunciando um verão tormentoso com El Niño.